

O ensino da leitura a partir de estratégias de compreensão leitora na Educação Infantil

(The Teaching with from reading comprehension strategies on infant education)

Michele Nascimento¹; Alessandra Corrêa Farago²

¹ (G) Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro SP
michelenascimento_sol@hotmail.com

² (O) Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro SP
farago@unifafibe.br

Abstract. *Reading is extremely important to understand the world around us. The process of reading competence ownership begins at home when the family reads to the child and it gets improved in school. This study therefore has the objective to discuss the teaching of reading, using the reading strategies for reading comprehension in kindergarten. This research, according to the nature of the data is bibliographical and exploratory. The literature review revealed a new concept of reading that is dialogical and interactive, where the meaning of the text is built on the interaction text-subject. Thus, reading is a complex interactive activity towards production requires the mobilization of different strategies, not only reading procedures but also to interpret texts. In this theoretical model, discursive and language skills are crucially involved. This knowledge will give the teacher the possibility of activating these mechanisms through a systematic work of procedures such as: reading wheel, retelling stories, weekly use of the library and so on.*

Keywords. *Reading. Childhood education. Reading strategies. Discursive capabilities. reading comprehension*

Resumo. *A leitura é extremamente importante para compreendermos o mundo ao nosso redor. O processo de apropriação da competência leitora inicia-se em casa quando a família lê para a criança e se aperfeiçoa na escola. Esse estudo teve, portanto, como objetivo, discutir o ensino da leitura, utilizando-se das estratégias de leitura para a compreensão textual na Educação Infantil. A presente pesquisa, segundo a natureza dos dados é bibliográfica e exploratória. A revisão da literatura evidenciou uma nova concepção de leitura que é dialógica e interacional, em que o sentido do texto é construído na interação texto-sujeito. Sendo assim, a leitura é uma atividade interativa complexa de produção de sentido que exige a mobilização de diferentes estratégias e procedimentos de leitura para interpretarmos um texto.*

Nessa vertente teórica, capacidades discursivas e linguísticas estão crucialmente envolvidas. Esse conhecimento dará ao professor a possibilidade de ativar esses mecanismos por meio de um trabalho sistemático de diferentes procedimentos, tais como: roda de leitura, reconto de histórias, utilização semanal da biblioteca, entre outros.

Palavras-chave. *Leitura. Educação Infantil. Estratégias de leitura. Capacidades discursivas. Compreensão textual.*

Introdução

O presente artigo visa à construção da compreensão leitora, isto é, de como o receptor se relaciona com diferentes portadores de texto, tal como estratégias de leitura que ele utiliza para ter uma compreensão esclarecida sobre o texto

A escolha do tema se deu em função de que, já que a leitura é de suma importância nos dias atuais, gostaríamos de entender como ocorre a compreensão leitora, uma vez que o ato de ler vai além do que imaginamos e passa por várias fases (vale lembrar que desde crianças já estamos nesse processo de desenvolvimento intelectual). Para ler é necessário não apenas dominar as habilidades de decodificação como aprender as distintas estratégias que levam à compreensão. É importante ter em mente que saber o que está escrito em um texto não é somente ler, é preciso também saber organizar ideias, decodificar signos e gráficos.

Baseamos nossa pesquisa a partir do trabalho dos seguintes autores: Solé (1998), Allende e Condemarin (2005), Kleiman (2013); Souza (2014) Colomer e Camps (2000) , entre outros.

A concepção de leitura vai além do que nossos olhos possam enxergar, quais estratégias auxiliam na hora de compreender um texto, qual a ligação entre o texto, receptor e a compreensão.

O objetivo desse trabalho é investigar como ocorre a compreensão leitora e abordar quais as estratégias de leituras.

Dessa forma, o presente estudo foi estruturado em três seções: a primeira seção aponta as abordagens de leitura, de como o leitor interage com o texto e qual a importância dos conhecimentos prévios. Já a segunda seção discorre sobre as estratégias de leitura, a existência de vários tipos de leituras, a partir da qual enfatizaremos cada uma delas. Por fim, a

terceira seção trata das práticas de leitura, onde abordaremos quais os incentivos que a criança precisa ter para se interessar pela leitura desde a educação infantil.

1. Abordagem sobre a leitura

Segundo Solé (1998), o ato de ler passa por várias fases. Em uma dessas fases, o texto tem que conversar com o leitor e as informações que o texto possui precisam ser claras e compreensíveis para quem lê.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa apresentam a seguinte concepção de leitura:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita.

O leitor sempre tem uma finalidade, ou seja, sempre lê para alcançar algum objetivo. As pessoas lêem para obter informações, tais como uma receita, uma bula de remédio, a instrução de algum equipamento, trabalhos escolares, ou seja, lêem por necessidade. Por outro lado, há quem leia por apreciar o sabor da leitura, são os que lêem jornais, revistas, livros, tornando o ato de ler um lazer, pensando que a leitura possa proporcionar o ato de refletir.

Cada texto traz consigo informações que não mudam: o que o texto quer passar é uma idéia exata. Mas existem várias formas de entender um texto, e cada leitor vai ler e compreender de forma diferente. É difícil passar isso para as crianças, pois se trata de um processo de aperfeiçoamento. O sentido do texto quem faz é o leitor, pela forma de interpretar. O leitor não lê igual ao autor que o escreveu, ele lê com os seus conhecimentos. A leitura com compreensão de acordo com

De acordo com Kleiman (2013) é um esforço inconsciente de recriação do sentido do texto por meio da ativação de conhecimentos:

- a) conhecimento cultural do leitor (informações não-visuais);
- b) conhecimento lingüístico: pronúncia, vocabulário, regras e uso da língua;

- c) conhecimento textual (tipos de textos): narração, exposição, descrição, argumentação;
- d) conhecimento de mundo (ideologia): conhecimento específico formal e informal de temas, máximas, e conceitos de sociedade, (local - temática);
- e) conhecimento estruturado, ordenado, armazenado (esquema): conhecimento ordenado permite seletividade, experiências e expectativas, informações sobre contextos e situações genéricas e previsíveis.

Nesse sentido, Kleiman (2013) sugere três concepções diferentes de leitura uma com o foco no autor, em que o sujeito (autor) é visto como alguém que constrói uma representação mental e deseja que esta seja captada pelo interlocutor. Nessa concepção a leitura é entendida como atividade de captação das idéias do autor, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos. O foco da atenção é o autor e suas intenções, basta ao leitor captar suas intenções.

Outra concepção sugerida por Kleiman (2013) é a compreensão tendo como foco o texto. Nesta o texto é visto como produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor. A leitura é vista como uma atividade que exige foco no texto e mobiliza capacidades de reprodução e decodificação.

A concepção que se defende neste artigo é a proposta por Kleiman (2013) que tem como foco de compreensão textual a interação autor-texto-leitor. Essa concepção se refere à dialógica e interacional, em que o sentido do texto é construído na interação texto-sujeito.

Na concepção dialógica e interacional a leitura é uma atividade interativa complexa de produção de sentido que exige a mobilização de diferentes estratégias e procedimentos de leitura. É uma atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor. Assim, espera-se que o leitor processe, critique, contradiga ou avalie a informação que tem diante de si que dê significado ao que lê.

Dessa forma, a compreensão de um texto não é a tradução do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor e seus objetivos ao ler.

Dessa forma, a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto para satisfazer os objetivos que guiam sua leitura. A leitura envolve: a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto e a existência de um objetivo para guiar a leitura; (é possível que 2 leitores com finalidades diferentes extraiam informações distintas do texto.

[...] para ler, é necessário dominar as habilidade de decodificação e aprender as distintas estratégias que levam à compreensão. Também se supõe que o leitor seja um processador ativo do texto, e que a leitura seja um processo constante de emissão e verificação de hipóteses que levam a construção da compreensão do texto e do controle desta compreensão - comprovação de que a compreensão realmente ocorre (SOLÉ,1998,p. 24)

Além do mais o leitor é ativo, ele tem uma visão de mundo e com o seu conhecimento consegue interpretar o texto. Dito de outra forma, o texto e o leitor são considerados dialéticos, ou seja, podem ser mudados, tendo uma base no texto, e dele extraíndo novas informações que podem modificar os seus conhecimentos anteriores.

Camps e Colomer (2002, p. 30)

Quando se lê um texto com significados não se lêem as letras, as palavras e as frases que o compõem do mesmo modo que se fossem apresentadas isoladamente e, inclusive, a velocidade da leitura de uma frase depende do contexto á sua volta.

Pelo significado literal tornam-se evidente a ordem certa de pensamentos, palavras, letras. Nesse caso, contudo, não seguiriam corretamente essa ordem de significado (É importante destacar que os significados são construídos conforme a leitura do texto vai avançando).

Parece conveniente afirmar que um único parágrafo pode conter toda a idéia que o texto quer passar, englobando também a parte de mecanismos. O leitor tem informações sobre o texto, convém ressaltar que se ele tem um conhecimento prévio sobre o assunto, o texto se torna mais fácil de ser entendido

É importante ter em mente que somente saber o que está escrito em um texto não é ler, mais do que isso, é você saber organizar idéias, decodificar signos e gráficos.

Solé (1998) pondera que fazer a leitura é compreender o texto. Pode-se dizer que o leitor tem que ter capacidade de usar seus conhecimentos prévios, saber decodificar um texto, perceber os objetivos e qual o impacto que o texto quer causar.

Conforme foi possível constatar, Kleiman (2013) propõe duas formas de processar a leitura, a primeira perspectiva é de *Bottom-up* que diz que o leitor analisa as letras do texto, as palavras e as frases, e assim consegue entender (decodificar) o texto. Em outras palavras conseguimos entender o texto por partes e não precisamos entender o texto em seu todo; a

informação está localizada apenas no texto. Fundamentar esses dados leva o nome de concepção ascendente.

A concepção tradicional de leitura constituiria o que foi definido como um modelo de processamento ascendente (CAMPS; COLOMER, 2002, p.30), a fim de que o leitor iria começar a interpretar o texto pelo lado mais fácil, até conseguir chegar a um nível mais avançado, mais difícil:

Para seguir esse processo, o leitor tem que decifrar signos, oralizá-los mesmo que seja de forma subvocálica, ouvir-se pronunciando-os receber o significado de cada unidade (palavra, frases, parágrafos, etc.) e uni-los uns aos outros para que sua soma lhe ofereça o significado global. (CAMPS; COLOMER, 2002, p.30)

É preciso acentuar que existem vários mecanismos de leitura. Um bem conhecido, por exemplo, é o processamento descendente, que leva em consideração o conhecimento prévio o que o leitor tem sobre determinado assunto.

A concepção tradicional da leitura considera que o leitor analisa sistematicamente os signos gráficos de texto, ou seja, que deve identificar cada letra para poder reconhecer uma palavra, e não leva em conta o fenômeno da formulação de hipóteses. Contudo, a existência de um mecanismo seletivo condicionado pelas expectativas criadas pode torna-se evidente a partir de casos extremos de falta total de verificação. Por exemplo, qualquer leitor experimentou como lhe passavam despercebidos os erros tipográficos ou ortográficos existentes em um texto lido, ou todos conseguem ler uma palavra inexistente em um texto apenas porque se supunha que deveria estar ali. (CAMPS; COLOMER, 2002, p. 41)

Ler tradicionalmente seria interpretar letra por letra, para enfim ler a palavra, e sem se criar hipóteses sobre o texto; no século XIX, o leitor tinha que ler e não poderia usar seus conhecimentos prévios.

A segunda forma de processar a leitura sugerida por Kleiman (2013) é a *Top down* diz que o leitor lê utilizando os seus conhecimentos prévios, e nesse ponto o leitor consegue dar sentido ao texto, somente pela bagagem de conhecimento que traz em sua memória. A informação não vai estar inserida no texto, mais sim no leitor. Essa concepção leva o nome de descendente.

É necessário frisar que no modelo interativo, o foco não está no leitor e nem no texto: claro que é interessante que o leitor tenha conhecimentos prévios, pois isso facilitará um pouco o entendimento do texto. É simples para um leitor competente simplificar um texto, onde consegue prestar atenção nas palavras, nas letras, percebendo como a informação se dá em cada palavra, dizendo-se que assim o leitor tem um *input*, assim pensando em dar um salto para buscar um novo conhecimento.

Os professores passam para seus alunos atividades de decifração, o que muitas vezes é cansativo se o aluno não entende o que tornaria a leitura complicada, já que o educando seria obrigado a fazer aquela atividade, e assim, como gostar de ler? Se o método do professor for muito difícil não vai fazer sentido para o aluno.

Para muitas crianças, a realidade da leitura não é aquela que se tem um mundo imaginário que faz sonhar, que nos lembra as estórias que os avôs contavam. Pelo contrário, muitos alunos pensam na leitura como uma coisa terrível, que faz a mão ter calos de tanto repetir o *be-a-ba*, ou a professora obrigando o aluno a fazer repetições até a visão doer, ou ainda tarefas como achar letras específicas em revistas, entre outras.

2. Estratégias de compreensão leitora

A compreensão é uma chave muito importante para o leitor entender o texto através do que ele vivencia no seu dia a dia, tornando-se possível o entendimento do texto pela realidade que o leitor estiver inserido.

O leitor tem que decodificar o texto, ver as partes que mais chamam sua atenção, para poder apreciar melhor o que o texto quer passar, e que ao ler, o leitor possa ter uma percepção e criar hipóteses sobre o que vai acontecer ao decorrer do texto: a hipótese é uma forma de decodificação.

De acordo com Allende e Condemarin (2005) os autores muitas vezes escrevem um livro, mas não pensando em quem vai ler; nesse sentido o texto só terá lógica para o autor. O emissor pensa mais no gênero do texto (se é um texto infantil, o autor vai escrever voltado para que as crianças entendam o significado, ou quem escreve um artigo, não pensa em crianças na hora de escrever, mas sim em pessoas do mesmo campo).

Com esses dados acima, verificamos que o entendimento do texto se dá pelo autor, independente de existirem diferentes maneiras de se escrever e diferentes momentos para se ler.

Suponhamos que uma criança escreva um conto sobre um enorme mostro pré- histórico que destrói uma cidade num planeta recém- colonizado pelos homens da terra. Outras crianças podem ler o conto e entendê-lo como uma aventura; quer dizer, em geral entendem o conto do mesmo modo que o seu autor. Mas, se o conto é lido por um psiquiatra que está tratando do autor por causa de alguns medos que o angustiam, este novo leitor pode entender o relato pelo menos em dois níveis: como conto de aventura e como expressão dos medos que angustiam a criança. (ALLIENDE & CONDEMARÍN, 2005, p. 113)

A partir dessa reflexão, podemos dizer que há elementos tanto do emissor como também do receptor e todos ajudam na compreensão. Então, os três fatores (emissor\receptor\compreensão) contribuem para a compreensão do leitor.

Existem várias intenções quando um emissor escreve, no entanto o autor ora escreve para um determinado público, ora escreve por alguma necessidade. Os códigos do leitor, devido a um sistema de significados expressos pelo autor, no assunto ou no objetivo do qual vai tratar o texto, tornam sempre importante saber os códigos que o leitor pensou para compreender todos os fundamentos que ocorrem no seu texto.

Para entender, primeiro é preciso saber a mesma língua, prestar atenção no texto, qual a época em que foi escrito, por que com a passagem do tempo muita coisa se modifica, principalmente as palavras.

Alliende e Condemarín (2005) afirmam que dentro dessa perspectiva, o autor e o leitor têm que ter ligações: se o autor escrever um texto com algumas palavras complexas, dependendo do leitor, este não vai conseguir entender o texto.

Levando em conta o conhecimento cultural de um autor, dependendo de que região ele mora, quais os seus costumes e também qual o momento de sua vida que escreveu o texto e em quais condições (se estava doente, preso) facilita a compreensão do leitor.

Alguns fatores para se entender um texto seriam: físicos e lingüísticos, referências ou do conteúdo. A Legitimidade física de um texto significa como você o lê, em forma física: papel, tela do computador, etc.

Outro fator seria a lingüística tradicional foi capaz de perceber que um texto não é apenas frases e orações, é mais que isso: É um estudo que se integra com todos os elementos

(parágrafos, frases, capítulos). Vale ressaltar que se trata de uma legitimidade lingüística textual, que seria a sustentação que o texto traz.

E por fim a compreensão intratextual tem bases em perceber em um contexto do que o texto trata: uma receita, um poema, notícia; sintonizar o texto completamente; perceber quais as partes que tem ligação; prestar atenção nessas partes e reparar quais as relações que se formam.

Os elementos intratextuais são os que dão unidade e estrutura a um escrito: eles podem ser as idéias de uma reflexão, os fatos e personagens de uma narração, os princípios de uma demonstração, os momentos de um drama, as partes de um objeto, etc., e as relações significativas que estabelecem com os outros elementos do texto. (ALLIENDE e CONDEMARÍN, 2005, p. 121).

Segundo Allende e Condemarin (2005), quanto mais obras o leitor conhece e quanto mais relações estabelece entre estas e a que está lendo, melhor a compreende.

O leitor vai compreender o texto também a partir de seus códigos, passa pela descoberta de perceber que às vezes os códigos estão em seu conteúdo e em sua estruturação. Para compreender um texto, vai depender do leitor o seu conhecimento cultural, em qual momento está lendo a história, enfim, quais códigos o leitor domina.

Se um leitor que sabe falar inglês, mas não fluente, for ler um texto em inglês, o texto não vai ficar muito claro como se fosse português, já que no texto pode haver palavras desconhecidas e isso será um empecilho para que o leitor compreenda.

Em função disso, o leitor tem que ler para aumentar o seu vocabulário, aprender os gêneros textuais e se deparar com novos códigos textuais.

Solé (1998) sugere que várias estratégias de leitura são acatadas por nós leitores de modo oculto, ou seja, não percebemos:

Assumir o controle da própria leitura, regulá-la, implica ter um objetivo para ela, assim como poder gerar hipóteses sobre o conteúdo que se lê. Mediante as previsões, aventuramos o que pode suceder no texto; graças á sua verificação, através dos diversos indicadores existentes no texto, podemos construir uma interpretação, o compreendemos. Em outros termos, quando levantamos hipóteses e vamos lendo, vamos compreendendo e, se não compreendemos, nos damos conta e podemos empreender as ações necessárias para desenvolver situação. Por isso a leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação que levam a construção de uma interpretação. (SOLÉ, 1998, p.27)

Com a informação do texto somado ao conhecimento de mundo que ele tem, o leitor consegue dar significado ao texto.

Formular hipóteses é uma estratégia de leitura importante para a compreensão do texto, sendo que é mobilizada quando o leitor já tem de conhecimento: ele consegue prever o que irá acontecer no texto e consegue responder perguntas sobre o texto, conforme for lendo. Quando o leitor formula hipóteses, ele tem que continuar lendo para responder à questão que formulou, e, para isso, tem estar atento aos sinais, nas letras, na pontuação, na acentuação etc.

Se o leitor conseguir criar uma hipótese e verificar no texto que está correta, passará a englobar a nova informação no conjunto de informações já existentes em seu intelecto. Desse modo, construirá uma forma global de ver o texto:

Assim, a compreensão e a lembrança da informação não dependem de uma capacidade limitada, mas do domínio de estruturas de conhecimentos pertinentes para processá-las, assim como da habilidade que se tenha desenvolvido para fazê-lo. Essa teoria pode ter uma grande incidência no âmbito educativo, já que não serve unicamente para descrever o modo como se recebe e se armazena a informação na memória, mas também para indicar como se podem favorecer as aprendizagens (CAMPS e COLOMER,2002,p.36)

Conforme afirmam Camps e Colomer (2002), ler seria um processo de formação do leitor, e ler, nesse contexto, é processar o texto com a intenção de interpretá-lo:

São duas fontes de informação da leitura: a informação visual ou por meio dos olhos, que consiste na informação proveniente do texto, e a informação não visual ou de trás dos olhos, que consiste no conjunto de conhecimentos do leitor. (CAMPS e COLOMER,2002,p.36)

O conhecimento prévio ajuda a construir elementos para formar o personagem de um texto: com a nossa interpretação conseguimos imaginar como seria aquele príncipe, alto, loiro, dos olhos azuis, porque já temos referência de como é um príncipe, qual roupa ele veste, como é seu estilo.

A formulação de hipóteses. Quando o leitor se propõe a ler um texto, uma série de elementos contextuais e textuais ativa alguns de seus esquemas de conhecimento e o leva a antecipar aspectos do conteúdo. Suas hipóteses estabelecem expectativas em todos os níveis do texto, são formuladas como suposições ou perguntas mais ou menos explícitas para as quais o leitor espera encontrar uma resposta se continuar lendo.

A verificação das hipóteses realizadas. O que o leitor antecipou deve ser confirmado no texto mediante os indícios gráficos. Inclusive as inferências

têm que ser confirmadas, já que o leitor não pode acrescentar qualquer informação, mas apenas as que se encaixem segundo regras bem-determinadas que também podem ser mais ou menos amplas em função do tipo de texto. Assim, o leitor buscará indícios em todos os níveis de processamento, de modo a comprovar a certeza de sua previsão. Para fazer isso, terá de fixar-se em letras, marcas morfológicas ou sintáticas (como a separação de palavras, os sinais de pontuação, as minúsculas, os conectivos, etc.) e inclusive em elementos tipográficos e de distribuição de um texto. A integração da informação e o controle da compreensão. Se a informação é coerente com as hipóteses antecipadas, o leitor a integrará em seu sistema de conhecimento para continuar construindo significado global do texto mediante diferentes estratégias de raciocínio. (CAMPS e COLOMER, 2002, p. 36-37)

Conforme a firma Camps e Colomer (2002), ler seria como “escutar”: para escutar precisamos entender o que se fala, precisamos prestar atenção; se não escutamos direito não entendemos o assunto. “Ler, portanto, seria a mesma coisa: entender o que está “escrito”.

Os conhecimentos que as pessoas adquirem com o decorrer do tempo são muito importantes, pois é um alerta para interpretar, prever e antecipar tudo em nossa vida. Cada pessoa é diferente: nosso olhar sobre um determinado assunto não será igual ao de outra pessoa, já que cada um tem o seu ponto de vista e criamos visões de mundo diferentes. Portanto é como uma pasta em nosso cérebro, onde colocamos novas informações a todo o momento.

Outra estratégia de leitura importante se refere às inferências que estão presentes em todo o texto, trazendo novas informações ou somando-se às informações já existentes; a depender da frase no texto, o leitor já associa aquela frase com hipóteses, o que poderá acontecer quando um texto tem uma mensagem oculta. A inferência vai ser usada para desvendar e entender a mensagem.

É muito importante fazer uso da língua oral, principalmente, ao ler um texto. O leitor observa o texto; quando ele compreende o que está escrito, utilizando-se da leitura em voz alta, consegue dar sua entonação ao texto, ler pausadamente, ouvindo a sua fala, e isso possibilita uma compreensão melhor.

Contudo, na realidade, a maior parte do significado que o leitor constrói tem que ser inferida, ou seja, é necessário lançar hipóteses também sobre a informação não- explícita. É evidente que não se considera que alguém tenha entendido um texto apenas se é capaz de repetir seus elementos de memória (embora, às vezes, a escola pareça proceder assim!), mas que, quando compreendeu o texto, o leitor possa explicar o significado com suas próprias

formulações e, para fazer isso, é preciso que tenha deduzido as relações entre as frases e tenha complementado a informação do texto com muitas outras informações que não eram explícitas porque o autor supunha que o leitor dispunha delas ou as deduziria ao longo de sua leitura (CAMPS e COLOMER, 2002, p. 37)

Durante o salto, não se percebe o texto, e é durante cada fixação que se envia ao cérebro a informação do fragmento alcançado no novo olhar, para finalmente ser lido.

Quanto mais previsível é uma palavra, menor tempo requer sua comprovação por parte do leitor, e ela pode ser lida com mais rapidez, do mesmo modo que a percepção de um elemento surpreendente em um contexto rotineiro obriga a fixar-se nele mais tempo do que o previsto inicialmente, enquanto o cérebro tenta achar uma explicação que justifique sua presença. (CAMPS e COLOMER, 2002, p. 44).

Quando fixamos a vista nas letras, automaticamente um conjunto de informações vem em nossa mente, mas um leitor iniciante não consegue se fixar em uma frase inteira, mas sim em poucas palavras soltas e, ao decorrer do tempo, consegue fixar o conjunto. Já um leitor competente, por sua vez, consegue todo esse conjunto de informação:

Segundo Camps e Colomer (2002, p. 43).

As palavras são reconhecidas com maior rapidez se fazem parte de uma frase a partir da dedução do leitor sobre a categoria gramatical esperável ou do campo semântico ao qual deveria pertencer. Não é difícil comprovar que é mais rápido identificar “*Isto que lêem é uma frase*” do que “*Verde sobre cavalo mar e quero*”. Do mesmo modo, “*Era uma vez um...*” permite esperar um substantivo, nunca um verbo ou uma proposição. Mais ainda, os contos que se iniciam com essa fórmula podem levar a prever as possibilidades de *menino, cachorro, rei*, etc., mais do que, por exemplo, substantivos especializados ou abstratos, como *sintagma, fermur ou cansaço*

Camps e Colomer (2002, p. 49) afirmam que o leitor tem que trazer consigo vários tipos de conhecimentos escritos e de mundo:

[...] o leitor tem de aprender a contextualizar o texto a partir dos elementos presentes no escrito: terá que entender o tipo de interação social proposta pelo escritor (que objetivo tem a comunicação, em que lugar e tempo se produz, que relação reflete o registro lingüísticos de que se utiliza, etc.

A escola tem o desafio de formar leitores competentes em uma sociedade totalmente letrada. É essencial para o aluno aprender a ler, pois assim ele vai inserir-se na sociedade letrada, sendo essa responsabilidade do professor.

Alguns professores sempre se utilizam da mesma didática, a mais comum, que é quando o professor manda os alunos acompanharem o texto, cada aluno de uma vez, que continua a leitura com o tom de voz alto. Se o educando erra, o professor o corrige ou até mesmo os colegas de sala. Quando a turma acaba a leitura o professor formula perguntas relacionadas ao texto para aplicar as atividades. Esse método está presente até no ensino fundamental. Os esquemas de ensinar a leitura sempre são iguais: o aluno lê, responde às perguntas e é tudo; as perguntas geralmente servem para saber o que o aluno compreendeu do texto, sem se preocupar com o processo de fazer o aluno refletir. Não existe, porém, só esse método de leitura, de questões e exercícios: os professores têm que mudar essa realidade existente a partir de diversas atividades novas para se trabalhar um texto.

3. Práticas de leitura desde a infância

Segundo Higa (2007) todos nós sabemos da importância da leitura nos dias atuais, mas dados alarmantes mostram que o número de leitores vem caindo ano após ano e a qualidade dos livros também está precária; a família que antigamente era um exemplo e apoiava as crianças, incentivando a leitura, hoje em dia se perdeu: não se vê um membro da família com um jornal ou uma revista nas mãos e são raras as famílias que têm o hábito da leitura. Portanto, o professor é o único exemplo de leitor que a criança vai ter.

Estudos de Higa (2007) apontam que os professores não lêem com frequência e, quando lêem, são livros de pouca qualidade.

Outros resultados alarmantes referem-se à grande porcentagem da população que não frequenta as bibliotecas. Segundo a pesquisa, 75% dos entrevistados nunca frequentam uma biblioteca e 33% dizem que nada os faria frequentar uma biblioteca. Apenas 20% frequentariam se houvesse livros novos; 13%, livros mais interessantes, 11% se oferecessem atividades culturais. (HIGA, 2007 p.2)

Todas as crianças nascem com um fator psicológico e biológico que favorece a aprendizagem. Se elas conseguem aprender muito fácil, porque algumas gostam de ler e outras não, já que ambas têm a mesma facilidade de aprender? Isso se dá pela mediação de

um adulto, porque a criança não vai buscar sozinho conhecimento. É preciso haver alguém (professor, pais, familiares) que insista com ela e a incentive a buscar o conhecimento. Por exemplo: um leitor de livros de histórias, com certeza deve ter tido uma mediação positiva com os livros de histórias (O leitor tem que nascer dentro da pessoa).

Segundo Higa (2007) afirma que a população tem que se mobilizar para frequentar as bibliotecas das cidades e levar as crianças para esse mundo fantástico que é a leitura, fazer com que as famílias sejam exemplos de leitores para assim contribuir no processo de formação das crianças. As crianças têm que se encantar se apaixonar, criar vínculo com os livros, para que no futuro se transformem em leitores competentes.

Por outro lado, a leitura é fundamental na vida de todas as pessoas, pois precisamos saber decodificar tudo em nossa volta, para assim nos tornarmos leitores competentes. Nas escolas a linguagem oral e escrita é trabalhada diariamente pelos professores e, como complementação da leitura, algumas aulas são diferentes, portanto são realizadas em bibliotecas, laboratórios, no pátio e até mesmo embaixo de uma árvore

Segundo Platzer e Mariz (2011), na vida do ser humano, a fase da educação infantil é marcante e, se incentivada à leitura desde pequenos, com certeza quando se tornarem adultos estes serão leitores competentes.

Na infância sabemos que é muito importante para criança passar por todo o procedimento da escola, desde a rotina às atividades, para que elas já se simpatizem pelo mundo da leitura e da escrita.

Na pesquisa realizada por Platzer e Mariz (2011) as professoras citaram que não é suficiente somente ler as letras como uma criança alfabética, mas também ler por imagens, no momento em que a criança imita a professora (bruxa, princesa etc.) ela consegue se desenvolver afetivamente, emocionalmente e intelectualmente, através das histórias que ouve, e tenta recontar, criando vínculo com pessoas e personagens fictícios.

Esta pesquisa constatou que duas professoras apontam que o contato com a leitura é imprescindível para a formação dos futuros leitores. Isso é muito preocupante, pois elas pensam somente no futuro, como se durante a educação infantil as crianças não precisassem desse contato com os livros.

Para Platzer e Mariz (2011) a leitura tem que ser trabalhada em sala de aula sim, e a desculpa que as professoras usam é que as crianças são muito pequenas e não entenderiam,

mas o ato de ler vem de um processo, que tem que ser trabalho desde quando a criança é um bebê, para que com o passar do tempo a criança pegue gosto pela leitura.

Outra professora afirmou que as práticas mais comuns na escola são: empréstimos de livro, o que ocorre uma vez na semana (isto é: a criança leva o livro para casa para algum de seus familiares lerem para ela); mediação de leitura, que é quando as professoras levam a criança para a biblioteca da escola e deixam os alunos manusearem os livros, lendo várias histórias escolhida pelos mesmos e, por fim, outra prática bem comum seria a leitura diária do professor em sala de aula, sendo o professor o responsável por escolher qual livro para ler para a turma (vale ressaltar que o gênero mais utilizado entre as professoras foi à literatura infantil).

Apenas uma professora disse se utilizar de outros gêneros diferentes, a exemplo de escrita de bilhetes, poemas ou receitas.

Podemos inferir, com Platzer e Mariz(2011) que trabalhar os gêneros textuais é muito importante porque é preciso saber qual o gênero as crianças já conhecem fora da escola e quais os gêneros textuais que circulam em seu meio, assim como fazer um levantamento de conhecimento prévio e apresentar qual gênero eles não conhecem, já que têm que ser trabalhados na escola os vários tipos de gêneros, em um processo que vai se desenvolvendo dia após dia.

A partir dessa reflexão, podemos dizer que o professor é a base para formar leitores competentes. A escola tem que valorizar as práticas de leitura e escrita fora da escola.

Segundo Silva (2014), a grande preocupação está nos professores da Educação Infantil, isto é, estão os professores formando leitores? A partir dessa questão, resolveram analisar uma sala da Educação Infantil com o intuito de analisar o trabalho com as estratégias de leitura e quais atividades as professoras mais usam para ensinar seus alunos a lerem.

Quando o aluno decodifica, significa que ele está analisado cada letra, sílaba com seu determinado som, processo esse que começou na concepção tradicionalista que visava somente o professor como o detentor do conhecimento, em um patamar que o aluno estava abaixo e não tinha opinião. Nos dias atuais ainda existem vestígios desse modo tradicionalista como: fazer a criança decorar as letras e não aprender.

Pesquisas feitas por Silva (2014) apontam que nos textos muitas vezes utilizados nas instituições de ensino, o professor submete o aluno apenas a procurar a resposta no texto. Com uma resposta já pronta, os educadores acreditam que seus alunos estão adquirindo

conhecimento, mas a pesquisa mostra que não é por esse caminho. As crianças não aprendem com cópias: o professor tem que levar a criança a pensar sobre o processo, fazer perguntas que os educados consigam formular com seu senso crítico. Outra falha pertinente na educação em geral é não acreditar que o aluno é capaz de pensar.

Os docentes avaliam que os alunos que tem mais dificuldade para ler têm que fazer prática, apenas repetindo o que o professor diz, ou até mesmo apenas falando alto cada sílaba. Quando o aluno decora cada som referente a cada sílaba, só então ele estará apto a interpretar um texto. Infelizmente, os professores acreditam nessa forma de didática, mas se esquecem que cada aluno é diferente e que todos têm o seu tempo para aprender.

Para Silva (2014) quanto ao processo de ler as letras e as palavras sem decorar, se o professor fizer atividades diariamente que levem o aluno a pensar sobre várias possibilidades, o processo de compreender as letras e as palavras acontecerá naturalmente com cada aluno, levando em consideração características próprias do aluno (seu tempo, seu processo, suas dificuldades). O ato de ler seria muito mais do que apenas decorar as letras.

Gêneros textuais é a forma natural de se comunicar e não é possível se comunicar sem utilizar ao menos um gênero textual. Cabe à escola habilitar os gêneros textuais.

[...] porque não basta apenas oferecer o livro para as crianças ou ler histórias no início das aulas ou nas horas dos contos. A abordagem para a formação do leitor e de suas atitudes, quais sejam a de saber antecipar, a de saber fazer inferências, a de estabelecer conexões entre o que conhece e o que desconhecem a de apreciar o modo como o tema foi abordado e o arranjo estético das palavras (porque lidar com a literatura é lidar com a arquitetura das palavras) (ARENA, 2009, p. 6-7).

As práticas de leitura na educação infantil se baseiam entre o professor contar uma história ou o aluno manipular os livros; os professores não têm um porquê de contar histórias, pois não é um processo que o professor visa para a aprendizagem do aluno.

Segundo Silva (2014), portanto, para se ensinar a leitura, se faz pontual a compreensão do letramento literário. O letramento é um tema um tanto polêmico que nos leva a refletir sobre os processos de alfabetização.

Então se fala em se alfabetizar letrando:

O letramento tem uma abrangência maior que a alfabetização, pois trata-se não da habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente a

alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a elas relacionadas. Há, portanto, vários níveis e diferentes tipos de letramento (COSSON, 2007, p.11).

Vigostski (2000) analisa o processo de linguagem e pensamento e afirma que a capacidade de leitura é uma função psíquica superior do ser humano. Entretanto, quando a pessoa começa a aprimorar os signos linguísticos de seu intelecto, é através de seu pensamento que começa a interagir e se relacionar com o mundo à sua volta. Sendo assim, atividades como “Ler o alfabeto em voz alta” distanciam as crianças do processo de capacidade de leitura, e acabam se tornando uma atividade de decodificação e oralização apenas.

Para Lima (2005), contudo, nas escolas deveria haver um espaço reservado para a leitura em um modo social: ensinar para quê ler, porque ler, como ler e quando ler, para que a criança perceba a importância extrema da leitura e que a leitura não serve apenas para realização de trabalhos e para outros fins escolares.

Para Vigostki (1995), quando a criança começa aprender a ler, ela tem que sentir vontade de ler, ter um sentimento de algo novo, que levaria a mesma a se aprimorar dessa forma na linguagem, já que é através dos textos, das palavras, da comunicação, das mensagens que a criança vai entender o sentido do texto e aperfeiçoar o seu pensamento e outras capacidades humanas.

A aprendizagem da leitura exige sob essa ótica, mediação pedagógica e requer do professor conhecimento teórico a cerca das regularidades do desenvolvimento humano, bem como constituir-se modelo de conduta de leitor efetivo com domínio de estratégias de leitura- processo a ser iniciado desde a Educação Infantil. (LIMA,2005; GIROTTO; SOUZA 2009; 2010 p. 4)

Segundo Lima (2005) a leitura tem um papel muito importante, pois é através dela que a criança vai desenvolver seu pensamento verbal e abstrato e é através da leitura que a criança adquire novos significados que a deixa mais próxima da realidade.

Considerações finais

Existem várias formas de ensinar a ler e escrever, e o professor têm que estar presente sempre para fazer a mediação. Muito importante é o professor que cria estratégias de leitura,

pois por meio das estratégias o aluno consegue formular perguntas, consegue entender o que o autor quis dizer e formular hipóteses sobre de qual assunto o texto vai tratar, consultar os seus conhecimentos prévios. Importante também que o professor sempre leia com entonação para a criança perceber a importância da pontuação, dos acentos às aspas; um exemplo seria que os alunos tentem fazer “plágio” das falas dos personagens e reconstruir um título para o livro.

Deve-se priorizar o trabalho com as estratégias de leitura a favor do processo de aprendizado da criança é muito importante, pois os alunos irão aprimorar seus conhecimentos de leitura, o que possibilitará a eles pensar sobre o processo de ler. Ao usar os livros como uma ferramenta pedagógica na escola, os professores devem usar as estratégias de leitura para tornar as aulas mais interessantes e produtivas, para que no futuro tenhamos leitores competentes.

A leitura é primordial para a criança, ela tem que perceber a finalidade do escritor, sempre se baseando na linguagem na leitura, querendo sempre buscar o novo, chamando seu aluno para o mundo imaginário, para quem sabe assim acabar com o desprezo que o aluno tem com a leitura

Compreender a leitura não é um processo fácil, pelo contrário, é complexo, pois para isso passa por vários tipos de conhecimentos, que passa por vários níveis, desde quando nos iniciamos na leitura até nos tornarmos leitores competentes.

Conclui-se que, para ler, o indivíduo mobiliza diferentes procedimentos e capacidades: cognitivas, perceptuais, afetivas, sociais, discursivas e linguísticas, todas dependentes do contexto e das finalidades de leitura. Nesse sentido, o professor precisa conhecer algumas teorias de leitura, para saber aplicar as estratégias tanto cognitivas, quanto *metacognitivas*, a fim de desenvolver o seu papel de professor e de mediador desses mecanismos de compreensão textual.

O docente tem que ser um grande aliado nesse processo, já que ele tem que ensinar à criança várias estratégias de leitura, para fazer com que ela reflita sobre a leitura; chegamos à conclusão nessa pesquisa que o ensino da leitura é defasado, o que pode ser verificado pelas avaliações de nível nacional, tais como: ENEM, PISA ou SARESP.

Desde a infância a criança tem que ser incentivada à leitura, cabendo à família ser exemplo de leitores e à escola aprimorar o gosto pela leitura, ensinando vários meios para a criança chegar à compreensão.

Referências

ALLIENDE, F.; CONDEMARÍN, M. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. ed. 8. São Paulo: Artmed, 2005.

ARENA, D. B. *Letramento e Letramento Literário*, 2009, mimeo.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*.3. ed. Brasília: MEC, 2001, v. 2.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. São Paulo: Artmed, 2000.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.

FAILA, Z. (org.). *Retratos da leitura no Brasil 3*. São Paulo, SP: Instituto Pró-Livro: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.

FOUCAMBERT, J.A *leitura em questão*. Porto Alegre: Artmed, 1994.

HIGA,S. E. L.*Famílias que participam de biblioteca*. A importância da mediação afetiva na construção da criança. Campinas, 2007

KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 15. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013, 21-44p.

LIMA, E. A. *Infância e teoria histórico-cultural: (des) encontros da teoria e da prática*. Tese (Doutorado em Ensino na Educação Brasileira). Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, 2005.

PLAZER, M. B.; MARIZ, A. D. *Práticas de leitura na Educação Infantil: ênfase no trabalho do educador*. Revista Práxis Educacional. Vitória da Conquista. V.8, n.12, jan\jun\2011.p. 115.128.

SILVA, M. R. J.*O ensino das estratégias de compreensão leitora: Uma proposta com livros literatura infantil*. PPGE-FCT/UNESP/SP. Eixo 7: Pesquisa, Leitura e Educação Comunicação, 2014.

SOLÉ, I. *Estratégias de Leitura*. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.